

GESTÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA TV ESCOLA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Johny Henrique Magalhães Casado*

Jonilce Costa Rodrigues**

Katia Rodrigues Montalvão Paia***

RESUMO: Este trabalho visa a reflexão crítica sobre o papel da TV Escola como política pública do Ministério da Educação na formação de profissionais da educação. A TV Escola se propõe a ser uma ferramenta pedagógica, dentre as muitas possíveis, para que o pedagogo complemente sua própria formação e se atualize a respeito das novas práticas de ensino existentes, tornando-se papel importante como política pública do Ministério da Educação, mas que deveria mudar sua programação para aproximar-se da realidade encontrada diariamente pelos profissionais. O artigo está dividido em três seções: a primeira compreende a introdução, apresentando o tema e a discussão proposta; na segunda parte, o referencial teórico baseado na pedagogia histórico crítica, de acordo com Saviani; a análise crítica e as reflexões propostas compõem a terceira parte; a conclusão trata das reflexões entre o referencial e a proposta temática.

PALAVRAS-CHAVE: TV Escola; Educação não formal; Pedagogia histórico-crítica.

KNOWLEDGE MANAGEMENT: A CRITICAL ANALYSIS OF TV SCHOOL IN THE FORMATION OF PEDAGOGUES

ABSTRACT: Current paper deals with the role of TV School as a public policy of the Ministry of Education within the formation of professionals in Education. Among several roles, TV School is a pedagogical tool so that pedagogues may complement their formation and update themselves in the new teaching practices. It has an important role in the public policy of the Ministry of Education, even though it has to change its program to comply with conditions met daily by professionals.

* Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, Brasil.

E-mail: johny.hmc@gmail.com

** Mestre em Educação para a Ciência e a Matemática pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, Brasil.

*** Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Brasil.

The first section of the paper comprises introduction and definition of the theme and discusses the hypothesis; the second section deals with critical and historical pedagogy, following Savani; the third section is a critical analysis of the theme and reflections suggested. The conclusion comprises proposals between the theoretical referential and the theme.

KEY WORDS: TV School; informal education; Historical and critical Pedagogy.

INTRODUÇÃO

O estudo da pedagogia no campo histórico-crítico permite diversas reflexões, dentre as quais destacamos o avanço da tecnologia como recurso educacional para os professores. Para tanto, utilizaremos as reflexões propostas por Saviani para analisar o caso da TV Escola como formadora de novos profissionais no campo da pedagogia. Essa TV é um canal do Ministério da Educação, que tem como uma de suas missões ser uma política pública voltada à capacitação e atualização de professores, educadores, alunos e todos os interessados em aprender. Como ferramenta pedagógica, a TV Escola propõe ao pedagogo complemento de sua formação e atualização a respeito das novas práticas de ensino existentes.

Discutir sobre o papel da TV Escola, nos tempos atuais, faz-se necessário, pois, assim, reflete-se, também, sobre a educação no Brasil e a formação dos docentes. Ao realizar o cruzamento da programação da TV com as necessidades de formação dos professores, percebe-se que há clara dissociação entre as necessidades do professor e o que é proposto como tecnologias de reflexão. Conforme proposto pela teoria da pedagogia histórico-crítica o papel do pedagogo deve ser de questionar o *status quo* da sociedade, a partir do campo da educação, e esse papel de questionador não fica claro utilizando-se das práticas da TV Escola. Para melhor aprofundamento dessas questões, esse trabalho visa contribuir com essas proposições.

2 DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste trabalho se dá por meio de três momentos: a primeira apresenta a educação na era tecnológica e suas respectivas evoluções; a

segunda discute sobre as novas tecnologias aplicadas, o que relaciona aos objetivos propostos; a terceira é uma análise da TV Escola, apresentando as reflexões propostas.

2.1 A EDUCAÇÃO NA ERA TECNOLÓGICA

Considerar a evolução histórica faz parte da função do pesquisador que se debruça em temas relacionados à educação. Para Saviani (2003, p. 88), “a expressão pedagogia histórico-crítica é o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo” e, por isso, faz-se necessário compreender a evolução tecnológica da educação. A história da tecnologia, nessa esfera, desenvolveu-se nos Estados Unidos a partir da década de 1940 (ALTOÉ, 2005). Utilizada, primeiramente, visando à formação de especialistas militares durante a Segunda Guerra Mundial, com o auxílio de ferramentas audiovisuais cursos foram desenvolvidos.

Com o passar dos anos, muitos avanços aconteceram, desenvolvendo os meios de comunicação de massa no âmbito social e, a partir disso, surgiu a “evolução eletrônica”, a qual influenciou o cotidiano de milhões de pessoas. Porém, a partir da década de 1970, especialmente, houve o marco inicial do desenvolvimento da informática com a inclusão de computadores para os fins educativos (ALTOÉ, 2005). Essa evolução, em grande parte, foi pensada para atender não só as necessidades da educação, mas, também, do capital, que tem cada vez mais sido o balizador das decisões no campo educacional. Desse modo, compreender a atuação do capitalismo é importante, já que, de acordo com Saviani (1991), “o capitalismo continua sendo ainda a forma predominante. Portanto, Marx continua sendo não apenas uma referência válida, mas a principal referência para compreendermos a situação atual” (SAVIANI, 1991, p.14).

No Brasil, o uso das tecnologias na educação voltou-se, primeiramente, para o ensino a distância. As primeiras experiências educativas foram realizadas pelo Instituto Rádio-Monitor, em 1939, e o Instituto Universal Brasileiro, em 1941, por meio do rádio. Essas atividades eram subdivididas: uma era direcionada para as três primeiras séries do ensino fundamental e a outra para o treinamento de professores; o projeto foi encerrado em 1976 (ALTOÉ, 2005).

O governo brasileiro, por intermédio do MEC, atualmente prioriza o uso das novas tecnologias para formação de professores, com a implantação do programa TV Escola. Acredita-se que este programa é capaz de “sanar algumas deficiências mais graves do nosso sistema de ensino, como a capacitação insatisfatória do magistério, em seu próprio ambiente de trabalho, objetivando assim buscar a elevação da qualidade do ensino brasileiro” (ALTOÉ, 2005). Ainda, de acordo com Altoé (2005),

no Brasil, especificamente no meio educacional, ainda estamos nos acostumando a pensar na palavra de ordem que impera no mercado de trabalho: adquirir conhecimento e informação. Porém não basta somente adquiri-los, é necessário que sejamos capazes de construí-los de modo que nos ajudem a crescer profissional e pessoalmente (ALTOÉ, 2005, p. 20).

Nesse sentido, estamos permeados pelo processo de “tecnologização”, que se torna cada vez mais notável em todos os setores da nossa sociedade e, então, perguntamo-nos como a escola e os educadores estão lidando com este novo conceito de educação tecnológica e, ainda, como devemos trabalhar para que essa tecnologia chegue a todos, transformando saberes e conhecimentos. Com isso, entendemos que o aumento da tecnologia no campo educacional maximiza a função da escola, que é de “impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária” (SAVIANI, 2008, p. 22-23).

O paradigma educacional passa por um processo de mudanças e, para Saviani (2008, p. 59), a educação adquire a máxima de “atividade mediadora no seio da prática social global”. Da mesma forma, Altoé (2005) ressalta que

a sociedade modificou-se, tornando-se informatizada. E nessa condição passou a exigir o uso de equipamentos que incorporam os avanços tecnológicos. Nesse processo, não se pode ignorar que a educação necessita promover mudanças de paradigma também na educação e, por conseguinte, na escola. O tipo de homem necessário para a sociedade de hoje é diferente daquele aceito em décadas passadas (ALTOÉ, 2005, p. 39).

Passamos a conhecer um novo espaço de leitura e escrita, como afirma Ramal (2002, p. 65), “as letras concretas e palpáveis se transformaram em *bites* digitais; a página em branco é o campo do monitor; a pena é o teclado e há uma estranha separação entre nosso corpo real, e o texto virtual”. Este momento passa a ser denominado de sociedade da informação, ou a era do conhecimento, que incorpora a tecnologia em todos os segmentos, com o pressuposto de acirramento dos problemas de distanciamento das classes sociais, com intensificação da exclusão.

No campo empresarial, com a famosa sociedade da informação, cresce também a competitividade entre os empresários, diminuindo o número de empregados com a automação dos serviços (RAMAL, 2002). Já na pedagogia não se pode absorver essa visão empresarial, visto que o papel da escola acaba impedindo o desenvolvimento de uma ideologia por parte dos alunos.

Com tudo isso, surgem discursos que defendem e outros que duvidam das contribuições dessa nova era informacional. Nessa nova realidade, há a exigência de um trabalhador diferente, mais eficiente e eficaz, que produza aquilo que o mercado precisa, nas quantidades ideais. Na educação, fazendo sua correspondência, existe a necessidade de estar pronto para obter informações e assimilá-las sempre que necessário, ao invés de assimilá-las somente para si (RAMAL, 2002).

A ideia de emprego, tal como conhecemos, passa a ser questionada, já que essa ideia está se modificando e transformando em estudo, aprendizagem, gerar inovações e melhorias. Com essas novas condições, cresce a necessidade de o trabalhador reinventar a sua profissão, desenvolvendo novas competências e acrescentando novos saberes aos da formação inicial, pela extinção de muitas profissões (RAMAL, 2002). A reinvenção da profissão passa, primordialmente, pela escola, valendo-se de uma visão que “envolve a possibilidade de se compreender a educação escolar tal como ela se manifesta no presente, mas entendida essa manifestação presente como resultado de um longo processo de transformação histórica” (SAVIANI, 2011, p. 80).

Não há mais lugar para os indivíduos passivos e que não buscam algo de novo e este pode ser o caso do professor, que poderá ser substituído se não correr atrás de reinventar suas metodologias. Para Saviani (2011b, p. 121), “a educação, na medida em que é uma mediação no seio da prática social global, cabe possibilitar

que as novas gerações incorporem os elementos herdados de modo que se tornem agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações sociais”. Com a presença da tecnologia, a educação acaba ficando muito mais cara e, visto que as coisas se tornam rapidamente obsoletas, confirma a antiga tese de que a educação é um privilégio dos que podem pagá-la (RAMAL, 2002). Ainda de acordo com Saviani (2011), objeto deve voltar-se “à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo” (SAVIANI, 2011, p. 113).

Alguns autores, como Peter Drucker (1975), destacam que a educação passou a ser uma questão do Estado e em “economia” do conhecimento, ao invés de sociedade do conhecimento. Contudo, as novas tecnologias permitiram avanços científicos espetaculares, difundidos pela da internet, que jamais teriam sido possíveis com o velho sistema de comunicação entre os cientistas. As mudanças ou transformações que estão acontecendo na sociedade, em nível mundial, têm influenciado muito em todos os aspectos, provocando grandes impactos em todas as áreas e pode ser sentido, também, no campo educacional. Podemos observar isso com as várias discussões, sejam na escola, na mídia, ou mesmo em textos e livros científicos, os quais enfatizam a necessidade de a educação estar inserida no mundo tecnológico.

A realidade educacional da maioria das instituições escolares brasileiras parece não acompanhar essas transformações, a fim de conseguir o acesso a essas novas técnicas, que já deveriam estar inseridas há algum tempo nas escolas. Sampaio e Leite (2000) afirmam que a escola, como instituição responsável pela formação básica do cidadão, precisa participar e agir para que estas ações aconteçam, pois

cercados que estamos pelas tecnologias e pelas mudanças que elas acarretam no mundo, precisamos pensar em uma escola que forme cidadãos capazes de lidar com o avanço tecnológico, [...] urge que a escola e seus profissionais se apropriem do conhecimento sobre essas tecnologias: tanto daquelas mais comumente ligadas à comunicação de massa (jornal, rádio, televisão etc.) quanto das que já se convencionou usar na educação (gravador, slides, toca-discos etc.) Leite, 1994, ou

ainda das tecnologias que servem a variados fins e que podem, na medida do possível, ser utilizadas pedagogicamente. (SAMPAIO; LEITE, 2000, p. 15).

É nesse quadro que a educação também sente os impactos causados pelas novas tecnologias, contando que as instituições de educação, inseridas num contexto amplo da sociedade, deverão substituir suas metodologias, para possibilitar a construção de novos espaços de conhecimento.

2.1.1 Inovações no campo da tecnologia educacional

Saviani (2011, p. 117) argumenta que a Escola Nova era considerada inovadora, na visão dominante, e não exatamente revolucionária, mas que “a visão que os professores subjetivamente têm é que a inovação é sempre uma coisa muito avançada, que está na ponta, na frente”. No campo educacional, em termos de práticas pedagógicas, também ocorreram transformações que foram intensificadas com a globalização. Mas, a chegada dessas tecnologias na escola afetou a educação, visto que surge, nesse novo contexto, a urgência de uma nova instituição escolar, que busque introduzir e integrar as novas tecnologias às demandas sociais, utilizando-se, assim, de recursos tecnológicos criativos e atrativos, a fim de melhorar o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem.

Confrontando as experiências com as possibilidades abertas pelo campo digital, Ramal (2002) sugere que o diálogo entre o mundo escolar e o virtual

[...] começa a se tornar cada vez mais necessário. Isso ocorre ao mesmo tempo em que os processos tradicionais de leitura e escrita e as próprias práticas escolares nos quais se desenvolvem são questionados pela tecnologia intelectual que atinge as formas de expressarmo-nos e de construir o conhecimento e, portanto, as nossas formas de ser e de nos relacionarmos com o mundo (RAMAL, 2002, p. 17-18).

Há algum tempo, a escola era o local certo para aprender. Hoje, com tantas mudanças, esse quadro vem se alterando, tornando possível aprender e ensinar em vários lugares ao mesmo tempo, seja *online* ou *offline*. Com a chegada do ensino a distância, modalidade na qual o ensino passa a ser não presencial, o aluno tem a possibilidade de interagir com o professor instantaneamente, sem a necessidade de estarem no mesmo local. Dessa forma, compreende-se que, no campo educacional, a sociedade tecnológica é rica de possibilidades, além de apresentar características que merecem atenção de todos, sendo possível a busca por respostas que venham a atender as necessidades pedagógicas, tanto de educadores como de educandos.

Para Sancho e Hernandez, as tecnologias educacionais são “mecanismos prodigiosos”,

[...] que transformam o que toca, ou quem os toca, e são capazes, inclusive, de fazer o que é impossível para seus criadores. Por exemplo, melhorar o ensino, motivar os alunos ou criar redes de colaboração. Daí vem a fascinação exercida por essas tecnologias sobre muitos educadores, que julgam encontrar nelas a nova pedra filosofal que permitirá transformar a escola atual (SANCHO; HERNÁNDEZ, 2006, p. 17).

Nessa perspectiva, podemos observar o quanto a tecnologia manipula os indivíduos, constituindo-se como um desafio a ser transposto. Por isso, deve ser vista como um elemento facilitador, que favoreça a compreensão do ato de aprender, uma ferramenta que vai permitir ao aluno novas formas de exploração, sugerindo novas formas de pensar. Essas novas ferramentas, se forem bem exploradas e propostas de forma aberta e bem direcionadas, podem proporcionar aos alunos uma nova base para compreender muitos outros sistemas e fenômenos no mundo.

Apesar disso, o emprego das novas tecnologias no cotidiano da sala de aula está longe do que se espera. A mediação do processo de ensino/aprendizagem ainda continua sendo motivo de discussão, pois, muitas escolas ainda não possuem equipamentos necessários, além de existirem muitas dúvidas, tanto das instituições escolares quanto de professores, quanto à sua forma de utilização. De acordo com Joly (2002),

existe uma necessidade de levar os professores a desenvolverem uma mentalidade de que o computador, hoje, é tão importante na escola quanto o giz foi durante tantos e tantos anos. [...] Esses professores estão satisfeitos com o que fizeram até hoje e que, conforme analisam e concluem, deu resultado. Essa convicção venda seus olhos, não lhes permitindo enxergar um movimento transformador na educação e na escola (JOLY, 2002, p. 49).

Muitos professores têm medo de revelar a sua dificuldade diante do aluno e, por isso, além do hábito, mantém uma estrutura repressiva, controladora, repetidora. Eles percebem que precisam mudar, mas não sabem como fazê-lo ou tentam resistir. Esse problema tem trazido preocupações, conforme afirma Joly (2002),

existe certamente a questão da resistência à máquina. Alguns estudos parecem indicar que essa resistência é maior por parte de professores com mais tempo de magistério, da velha guarda. Esse conservadorismo que cria resistência a mudanças, especialmente a de ordem tecnológica, é reconhecido por pesquisadores da área (JOLY, 2002, p. 51).

Essa resistência por parte de professores que não aceitam mudanças acaba atrapalhando o andamento do ensino e atrasando o processo que poderia ser muito mais rápido e fácil. Com isso, fica o questionamento sobre quais atitudes a escola e os professores devem tomar, de modo que estes estejam mais abertos e prontos para as novidades. Ressaltamos, ainda, que a utilização de todos esses recursos tecnológicos requer alguns conhecimentos, que só poderão ser adquiridos pelos professores caso forem em busca de aperfeiçoamentos, já que o seu trabalho requer amplo domínio quanto ao conteúdo.

A participação reflexiva, por parte do professor, relacionando novas demandas com a sua prática pedagógica dentro da sala de aula, traz possibilidades muito maiores de aprendizado. Joly (2002) discute que

o ciclo que estabelece na interação aprendiz-computador pode ser mais efetivo se mediado por um agente de aprendizagem ou professor que saiba o significado do processo de aprender por intermédio da construção de conhecimento. O professor precisa compreender as ideias do aprendiz e sobre como atua no processo de construção de conhecimento para intervir apropriadamente na situação, de modo a auxiliá-lo neste processo (JOLY, 2002, p. 21).

Essa prática poderá auxiliar muito mais o aluno para que, assim, possa transformar todas as informações que ele tem em conhecimento. Sancho (2001) ressalta que esses ambientes devem

possibilitar a consecução por professores e alunos, levando em consideração o momento social, histórico, político, econômico e cultural no qual se vive. E este momento para nós, está muito influenciado pela cultura tecnológica (SANCHO, 2001, p. 41).

Por isso, é essencial que o docente tenha o primeiro contato com essas novas formas de ensinar, antes de sua inserção na sala de aula, para que possa avaliar e organizar a melhor forma de demonstrar esses métodos, partindo da realidade de cada aluno.

A utilização de recursos tecnológicos, durante o processo ensino/aprendizagem, tem produzido bons resultados na construção de conhecimentos, tanto por parte do professor, que consegue uma gama muito rica de novas possibilidades de trabalhar seus conteúdos, como para os alunos, que se sentem muito mais estimulados em realizar as atividades. Esteve (2004) afirma que

o avanço mais importante da aprendizagem eletrônica é a assincronia do processo de aprendizagem. Os alunos podem dispor do material em CD, e cada um pode acessar a informação em momentos diferentes – em classe ou em casa, de manhã ou à noite. Além disso, cada aluno pode seguir seu próprio ritmo de aprendizagem (ESTEVE, 2004, p. 187).

Acredita-se que, com este método de ensino, a escola estaria oportunizando ao aluno melhor aproveitamento dos conteúdos, por meio de aprendizagens com uma sequência certa, nas quais o aluno pode desenvolver as atividades conforme sua necessidade. O computador como recurso tecnológico mais requisitado durante as aulas contribuiu consideravelmente aos alunos (VALENTE, 1993 *apud* JOLY, 2002). Ainda segundo Valente,

O fato de o computador poder executar a sequência de comandos fornecida significa que ele está fazendo mais do que servir para representar ideias. Ele está sendo um elo importante no ciclo de ações descrição-execução-reflexão-depuração de conhecimento (VALENTE, 1999 *apud* JOLY, 2002, p. 19).

Nesse momento de interação entre professor-aluno e computador, há grande troca de informações, que remetem ao aluno a experiência de conhecimentos sociais e culturais, tornando-se fontes de ideias. Com relação a isso, o ciclo de interação com o computador apresenta características importantes para a aprendizagem, pois, seu uso é capaz de criar situações de aprendizagens que possibilitam construir novos conhecimentos. Para Joly (2002),

primeiro, a ação realizada com esta máquina é mediada por descrições sobre como o usuário pretende resolver um problema. Isto não é o mesmo que manusear um objeto e as ações servirem de objeto de interpretação do pensamento de quem executa estas ações (JOLY, 2002, p. 23).

Além disso, com o auxílio do computador, o aluno consegue resolver problemas utilizando suas estruturas cognitivas, com suas próprias descobertas, elaborando e reelaborando as situações problemas. Conforme Altoé (2005),

Em um ambiente informatizado, o professor desempenha a função de facilitador, encaminhando o processo para que cada aprendiz avance na construção de seu conhecimento. Assim, o aprendiz, utilizando-se do computador, interage por meio

das intervenções e interações com o facilitador, possibilitando a construção de conhecimento, (ALTOÉ, 1996 *apud* ALTOÉ, 2005, p. 60-61).

Pablo (2006) acredita que a utilização das tecnologias é muito importante e significativa, de modo geral, e contribui para a aprendizagem durante a intervenção do professor, podendo, inclusive,

modificar a interatividade gerada, de tal maneira que, no campo educativo, a qualidade vinculada ao uso das tecnologias, na realidade, une-se à qualidade da interatividade, como fator-chave nos processos de ensino-aprendizagem. Esta interatividade só pode ser avaliada pelos ambientes e espaços de trabalho que as tecnologias propõem. E esses ambientes são consequências dos modelos de aprendizagem em que se sustentam (condutistas, cognitivos, construtivistas, holísticos, etc.) (PABLO *apud* SANCHO; HERNANDES, 2006, p. 74).

Assim, a troca de informações entre o professor e os alunos pode tanto ensinar os alunos quanto auxiliar o professor a adquirir conhecimentos que poderão implicar em aprendizagem significativa para ambas as partes. Contudo, é importante salientar que a utilização das tecnologias educacionais nas escolas não é considerada como recursos para apoio aos problemas educacionais, assim como ressalta Sancho e Hernández (2006, p. 86),

Hoje é possível afirmar que as TIC são amplamente utilizadas em escolas europeias, mas é mais difícil assegurar que estejam sendo utilizadas com propósitos inovadores que signifiquem uma melhoria de ensino e aprendizagem. A simples presença de computadores nas salas de aula não significa, por si mesma, uma mudança pedagógica, se, ao mesmo tempo, não são introduzidas ideias e ferramentas pedagógicas adequadas [...] (SANCHO; HERNÁNDEZ, 2006, p. 86).

Na citação acima, a sigla “TIC” significa “Tecnologia da Informação Computacional”, esta tecnologia, ou seja, estes recursos muitas vezes são utilizados

apenas como passatempo, para que os alunos tenham um momento de distração, e isto retira o verdadeiro propósito de sua utilização.

2.2 ANÁLISE DA TV ESCOLA

De acordo com o Ministério da Educação (2009), a TV Escola é um canal de televisão do Ministério da Educação que capacita, aperfeiçoa e atualiza educadores da rede pública, desde 1996. Seus principais objetivos são o aperfeiçoamento e a valorização dos professores da rede pública, o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem e a melhoria na qualidade do ensino. Ainda de acordo como Ministério da Educação, a TV Escola é dividida em faixas: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, Salto Para o Futuro e Escola Aberta, existindo ainda, em horários especiais, uma faixa destinada a cursos para a formação continuada de educadores, em que são oferecidos cursos de aperfeiçoamento das línguas inglesa, espanhola e francesa.

Belloni (2003) verificou que, com a ampliação da TV Escola, seu enfoque principal, que era a formação dos professores, foi se perdendo, passando a oferecer cada vez mais materiais didáticos para os professores utilizarem com seus alunos em sala de aula, ao invés da formação, mas, também, ficou evidente que a maioria dos professores que fazem uso do programa considera que isso foi importante, tanto para a sua formação quanto para a prática pedagógica.

Por outro lado, Toschi (2001) afirma que a TV Escola não constitui propriamente como um programa de EaD, pois, ao considerar os professores como usuários consumidores de materiais televisuais, aplicando a educação as regras da comunicação de massa, o programa TV escola acaba se transformando numa espécie de midiateca virtual, na qual o professor busca materiais didáticos para suas aulas. Uma das principais razões do desvio de finalidade, já havia sido discutido por Draibe e Perez (1999), afirmando que a raiz do problema se encontrava na própria proposta do programa, que não considerava as características do público-alvo e também nas políticas de implementação, caracterizada pela descentralização.

Belloni (2003) aponta a necessidade de um pessoal pedagógico especializado, capaz de auxiliar o professor no planejamento e realização de atividades de

aproveitamento dos materiais da TV Escola, tanto para a autoformação como para o uso didático com os alunos. Na sua visão, o professor não está preparado nem para o uso pedagógico de materiais televisuais, nem para o autodidatismo, duas condições de êxito no aproveitamento de programas de EaD, baseados na televisão, como é o caso da TV Escola.

De acordo com Belloni (2003), a TV Escola é um programa de formação a distância para professores, baseado numa concepção de aprendizagem aberta. Essa proposta se baseava na demanda potencial de formação aberta e flexível e na oferta de um elenco grande e variado de programas, entre os quais os professores escolheriam livremente aqueles que atenderiam mais adequadamente as suas necessidades. Com isso a proposta pedagógica da TV Escola vincula-se mais ao conceito de aprendizagem aberta, do que propriamente ao conceito tradicional de educação a distância. A autora diferencia os conceitos de aprendizagem aberta, cujo foco é a TV Escola, do conceito tradicional de EaD, pois a concepção de aprendizagem aberta se baseia em estratégias mais flexíveis, com grande autonomia do aprendente, e se inspira principalmente nas teorias cognitiva e no construtivismo. Caracteriza-se, portanto, como um processo de educação mais autônomo e flexível e de maior acessibilidade aos estudantes, o que significa, sobretudo, a expansão de novas modalidades de ensino. Por sua vez, o conceito tradicional de educação a distância enfatiza uma separação espacial de estudantes e professores e a produção-industrial-materiais, baseando-se em tecnologias educacionais de inspiração behaviorista. A concepção aberta da TV Escola busca contribuir de forma flexível e informal, não regular, sem avaliações e, conseqüentemente, sem certificação, para a formação dos professores das escolas brasileiras.

Cada vez mais, a tecnologia faz parte do dia a dia de todos, seja no trabalho, na escola ou em um banco. Como apontado no início deste trabalho, em que se buscou uma contextualização sobre a relação dos avanços tecnológicos e do ensino, essa tecnologia veio como uma ferramenta para ajudar, um verdadeiro catalisador para o processo de aprendizagem. Porém, observa-se com um estudo mais aprofundado, que se uma ferramenta específica, no caso a TV Escola, não tiver uma condução rigorosa e bem planejada, pode acarretar sérias falhas. Nesse programa, como uma ferramenta de EaD, verifica-se a falta de uma engrenagem importante,

que é a figura do tutor, que poderia agregar e propiciar a utilização correta dessa ferramenta, avaliada de forma positiva por grande parte dos professores (BELLONI, 2003).

A concepção de aprendizagem aberta da TV Escola propicia também ferramenta em que o professor, se bem orientado, tem a oportunidade de construir seu conhecimento. Analisando a grade de programação, em especial a descrição dos programas, concorda-se com Belloni (2003), o qual afirma que se oferece muito mais materiais didáticos para os professores utilizarem com seus alunos em sala de aula, ao invés de materiais para a sua formação. Essa relação fica em torno de 70% da programação voltada para atender o professor no fornecimento de material didático e apenas 30% da programação visa realmente a formação e o aprimoramento do professor. Esses dados demonstram uma perda de foco em relação ao objetivo inicial da TV Escola, que é a formação do professor e seu aprimoramento, mesmo que o Ministério da Educação ainda afirme em seu site que se trata de uma ferramenta de formação do professor.

3 CONCLUSÃO

A TV Escola tem seu valor como formadora do pedagogo na atual sociedade e, com isso, ela acaba por cumprir parcialmente sua missão. Sustenta-se, porém, que essa programação ainda é elitizada, pressupondo que o pedagogo viva em uma situação de perfeitas condições de seu trabalho, algo irreal, principalmente nos grandes centros e interior brasileiro. Entende-se que a TV Escola deveria valorizar em sua programação os casos reais de ensino, que ocorrem em situações mais comuns e próximas aos pedagogos, com isso, aproximaria sua missão ao que é encontrado diariamente na sala de aula. O papel tão importante do pedagogo não pode ser substituído ou minimizado pelo avanço tecnológico ou uso de práticas ditas “inovadoras”.

O pedagogo deve atuar e trabalhar para que se crie uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna, não se rendendo aos “benefícios” que o capital vende como inovações e que tem como única função minimizar o papel de educador. Em toda a crítica proposta por Saviani, há um claro modo de pensar em que

todos os profissionais da educação devem se posicionar de forma combativa, sem possibilidade de neutralidade quando se propõem transformar a sociedade.

Constata-se, portanto, que a TV Escola possui papel importante como política pública do Ministério da Educação, mas, antes de tudo, deve mudar sua programação para se aproximar da realidade encontrada diariamente por todos os pedagogos. A sociedade não se transforma sozinha, todos temos responsabilidade perante essa transformação.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, A. O desenvolvimento da informática aplicada à educação no Brasil. *In*: ALTOÉ, A.; COSTA, M. L. F.; TERUYA, T. K. (Org.). **Educação e novas tecnologias**. Maringá: Eduem, 2005.

BELLONI, M. L. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 287-381, jul./dez. 2003.

BRASIL. **Ministério da Educação**. TV Escola. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/tvescola/>. Acesso em: 05 out. 2017.

DRAIBE, S. M.; PEREZ, J. R. R. O programa TV Escola: desafio à introdução de novas tecnologias. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 106 p. 27-50, mar. 1999.

DRUCKER, P. F. **Administração: tarefas, responsabilidades, práticas**. São Paulo: Pioneira, 1975. v. 1.

ESTEVE, J. M. **A Terceira revolução educacional: a educação na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

JOLY, M. C. R. A. **A tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

PENALTI, M. M.; ALTOÉ, A. O construtivismo e o construcionismo fundamentando a ação docente em ambiente informatizado. *In*: ALTOÉ, A.; COSTA, M. L. F.;

- TERUYA, T. K. (Org.). **Educação e novas tecnologias**. Maringá: Eduem, 2005.
- RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SANCHO, J. M. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. rev. ampl. Campinas: Autores Associados, 2003. (Coleção Educação Contemporânea).
- SAVIANI, D. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. *In*: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Org.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 223-274.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.
- SAVIANI, D. Questões para a pedagogia histórico-crítica. *In*: SAVIANI, D. **Educação em diálogo**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 231-236.
- TOSCHI, M. **TV escola**: o lugar dos professores na política de formação docente. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

Recebido em: 13/01/2019

Aceito em: 08/11/2019